

A SEÇÃO DE OBRAS ANTIGAS DA BIBLIOTECA DO OBSERVATÓRIO NACIONAL: SUA ORIGEM E SEU ESTADO ATUAL¹

LAIS LOPES TAVARES, KATIA OLIVEIRA e ANTONIO AUGUSTO P. VIDEIRA

Apresentação

O objetivo desta nota é divulgar a existência da Seção de Obras Antigas da Biblioteca do Observatório Nacional/CNPq (RJ), recentemente organizada e aberta ao público. Propomo-nos a apresentar as atividades que estão sendo realizadas pelo corpo de funcionários da Biblioteca no intuito de preservar esse acervo, que é constituído por livros, periódicos, publicações de observatórios (nacionais e estrangeiros), atlas, mapas, fotografias e negativos em vidro. Essas atividades resultam da preocupação das bibliotecárias com o futuro desse acervo. Apresentaremos no que se segue o que já foi feito até o momento atual. Antes disso, cumpre observar que tais atividades não sofreram, até agora, interrupção de nenhum tipo, o que vem contribuindo para o sucesso desse projeto. Para isso, tem sido fundamental o apoio dado pela Diretoria do Observatório Nacional e pelos seus pesquisadores.

É importante que fique claro que, apresentar as atividades desse projeto de preservação, implica em referir-se ocasionalmente à própria história do Observatório Nacional. Não é nossa intenção narrar com detalhes a história dessa instituição. No entanto, informar sobre a origem desse importante acervo significa contar fatos do passado do ON. Seremos, assim, obrigados, aqui e ali, a relembrar alguns episódios da longa e tumultuada, mas certamente rica, vida institucional do ON.

Um Pouco de História

Fundado no dia 15 de outubro de 1827, através de decreto imperial e a partir de deliberações e discussões ocorridas no interior da Assembléia Geral Legislativa, o ON, denominado de Observatório Astronômico por esse mesmo decreto, somente passou a existir efetivamente em meados da década de 1840. É desta época que datam os primeiros relatórios, as principais fontes de informação sobre o ON durante o século XIX, que contam todos os problemas e dificuldades enfrentados pelos diretores do ON. *Grosso modo*, esses empecilhos, que tanto dificultaram o desenvolvimento científico do ON, eram da mesma natureza que aqueles enfrentados pelo Império. Era preciso, no caso do ON, antes de tudo, construir uma estrutura institucional capaz de dar suporte às atividades de pesquisa e de “serviços”; era preciso, no caso do Estado Imperial, montar toda a burocracia necessária para organizar o seu funcionamento.

1. Trabalho baseado em painel apresentado na XXII Reunião Anual da Sociedade Astronômica Brasileira, realizada em São Lourenço (MG), entre os dias 05 e 09 de agosto de 1996.

Em outras palavras, apoiando-nos no texto do decreto que fundou o ON, podemos afirmar que o Governo Imperial decidiu criar um observatório na cidade do Rio de Janeiro a partir da exigência em constituir quadros capazes de administrar a jovem nação. Foram, portanto, as “necessidades práticas” do Estado Imperial, quase todas elas, naquele momento, ligadas à navegação, e não porque houvesse um interesse, ainda que superficial, pela astronomia ou pela topografia, que levaram à criação do Observatório Astronômico. É comum, entre os historiadores, encontrarmos a seguinte tese: o estado brasileiro teria surgido antes da constituição da nação. Estabelecendo uma analogia com a história do ON, acreditamos que ele nasceu como uma decorrência das necessidades de organização do Estado Imperial. Até 1827, não existiam astronômos em nosso país. Os poucos trabalhos nesta área realizados, o foram “por encomenda” e de forma esporádica. Em suma, não possuíamos uma prática científica regular e autônoma.

No que diz respeito à biblioteca, é interessante perceber que ela sempre recebeu atenção dos diretores, é claro que dentro do que lhes era possível fazer pois, como sugerimos acima, os problemas enfrentados pelo Império repercutiram bastante no então Imperial Observatório. Mesmo alguns fatos marcantes, como a transferência do prédio ocupado pelo Observatório no Morro do Castelo (na verdade uma velha igreja jesuíta inacabada, cuja construção fôra iniciada em meados do século XVIII) para o Morro de São Januário, em São Cristovão, só foi decidida após o desabamento de uma das janelas da biblioteca. As conseqüências desse acidente, acontecido no final de 1910, devem ter sido realmente muito sérias para levar o Ministro da Agricultura a autorizar Henrique Morize, então diretor do ON, a dar início à busca de um local para abrigar sua nova sede, a ser ainda construída. A mudança de local sempre foi, desde os tempos de Soulier de Sauve, o primeiro a receber a denominação de diretor do Observatório, em meados da década de 1840, quando este ainda ocupava uma parte (pequena) do prédio da Escola Militar no Largo de São Francisco, a maior preocupação e o maior objetivo de todos os diretores do ON.

A grande dificuldade enfrentada pelo diretores do ON, que lhes impedia de organizar adequadamente os trabalhos astronômicos, meteorológicos e topográficos, entre outros, além do próprio dia a dia da instituição, eram as péssimas condições de instalação do Observatório. Desde 1846 até 1922, quando foi, finalmente, após vários anos de construção, inaugurada a nova sede do Observatório Nacional no Morro de São Januário, as más condições dos prédios, seja o da Escola Militar, seja o da antiga Igreja dos Jesuítas, constituíram boa parte das reclamações que os diretores do ON transmitiram aos seus superiores. Entre essas reclamações, encontramos as seguintes: os instrumentos não podiam ser instalados (faltava espaço) e o solo, além de mole demais, não conferia estabilidade suficiente para que os resultados das medidas fossem confiáveis. Tal como o estado imperial brasileiro, que teve como maior objetivo geopolítico a delimitação das fronteiras nacionais, o ON precisou lutar pela consolidação de seu espaço físico e de suas funções científico-administrativas. Isso é válido seja para o prédio que ocupava, seja para a determinação das obrigações e das tarefas do ON enquanto instituição científica e prestadora de serviços.

Enquanto o Observatório esteve ligado administrativamente à Escola Militar, - o seu desligamento formal só aconteceu em 1871, por exigência do diretor convidado por D. Pedro II, E. Liais -, uma preocupação constante de seus diretores foi adquirir as obras científicas necessárias para que os alunos e auxiliares daquela Escola pudessem realizar satisfatoriamente as suas tarefas. Por exemplo, Soulier de Sauve, em 1846, solicitou a compra de 16 livros de astronomia. Desse total, restam ainda 8 nas dependências da seção de obras antigas, o que nos leva a crer que o pedido de Soulier de Sauve foi aceito integralmente pelos seus superiores. Somente no Morro do Castelo, local que nunca foi o da preferência de Soulier de Sauve, é que a necessidade de se reformar o espaço da biblioteca tornou-se urgente. Como de costume, grande parte dos apelos feitos pelos diretores do ON em favor de uma reforma urgente das instalações do prédio não obteve resposta. A conseqüência dessa omissão foi o desaparecimento de muitos documentos científicos e administrativos, livros e outras publicações científicas, devido à ação do tempo, da umidade e dos insetos.

Mesmo enfrentando tantas dificuldades, a Biblioteca do ON continuou a crescer. Em 1875, por exemplo, ela recebeu, muito provavelmente através de doação, 39 volumes *dos Annales de Chimie et de Physique* (terceira série, tomo I, 1861 - sexta série, tomo II, 1872) e 77 volumes dos *Comptes Rendus de l'Académie des Sciences de Paris* (vol. 1, 1835 - vol. 77, 1873). Onze anos mais tarde, a Biblioteca apresentava, em

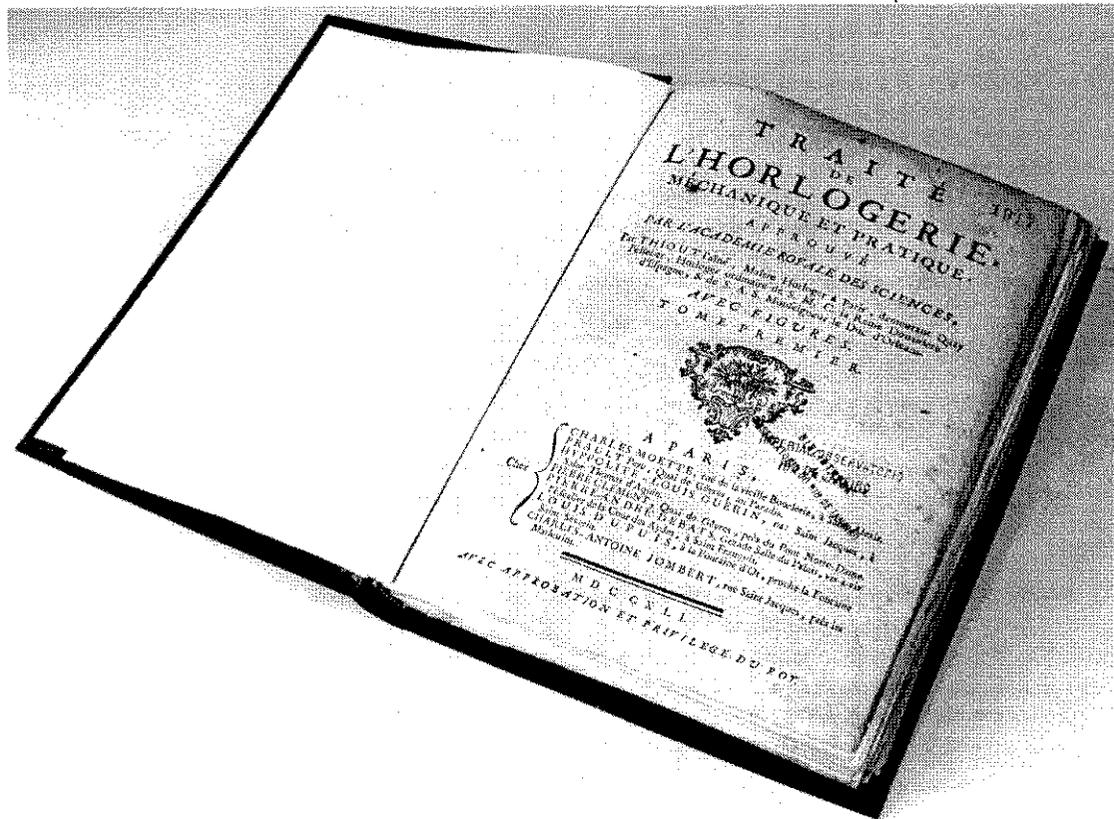
função de seu contínuo crescimento, dificuldades sérias de organizar o acervo existente, o que fez com que o diretor, L. Cruls, pedisse a contratação de um “Encarregado de Biblioteca”. Algum tempo depois, em 1901, já contratado o “Encarregado de Biblioteca”, este precisava de alguém que o auxiliasse.

Todavia, nenhuma dessas atitudes foi suficiente para reverter o triste quadro da biblioteca. Enquanto o Observatório não fosse transferido para um prédio verdadeiramente adequado, a Biblioteca não teria como estabelecer as condições necessárias para a preservação do seu acervo. O local por ela ocupado no Morro do Castelo era inapropriado pois eram muitas as goteiras. Em 1916, no meio da Primeira Grande Guerra, quando a construção da nova sede do ON já era uma realidade, mas encontrava-se muito atrasada em função das dificuldades para obtenção de verbas, a situação da Biblioteca era tão grave que Morize decidiu transferir provisoriamente o acervo de livros, fotografias e instrumentos para um prédio, especialmente alugado para isso, na rua General José Cristino em São Cristóvão. Na época da inauguração da nova sede, o acervo da Biblioteca do ON contava, segundo palavras do próprio Morize, com 10.000 volumes devidamente catalogados.

O Acervo Antigo da Biblioteca do ON

O acervo da seção de obras antigas da Biblioteca do Observatório Nacional é relativamente pequeno: aproximadamente 2000 volumes, entre livros e periódicos, e mais de 600 fotografias e 300 negativos em vidro. Grande parte dessas obras remonta ao século passado, encontrando-se, no entanto, livros do

Acervo ON - Reprod. Joelson C. Moreira



Traité de L'Horlogerie (1741) - O Livro Mais Antigo da Biblioteca do ON, Restaurado

Revista da SBHC, n. 15, p. 89-94, 1996

século XVIII. A obra mais antiga dessa seção é do ano de 1741, um tratado de relojoaria em francês, *Traité de L'Horlogerie mécanique et pratique*, 2 v., Paris, chez Charles Moette, da autoria de Thiout (ver fotografia). No que concerne a Astronomia, o livro mais antigo é um tratado, também em francês, sobre cometas de 1761 da autoria de Abbé de la Caille: *Leçons Élémentaires d'Astronomie Géométrique et Physique*, Paris, chez H. L. Guenin & L. F. Delatour. Entre outras preciosidades, encontramos o atlas contendo a descrição da expedição ao Planalto Central, ocorrida em 1892, organizada a pedido do Marechal Floriano Peixoto e chefiada por Cruls, e que tinha como objetivo a demarcação do quadrilátero da futura capital do Brasil.

O que impressiona na seção de obras antigas do ON não é, pois, o seu tamanho mas, sim, a importância das obras que existem. Uma vez que seria impossível mencionar todas as obras, e como uma seleção dessas poderia ser excessivamente parcial, preferimos relacionar alguns dos autores e títulos que compõem o seu acervo (todas as obras citadas encontram-se à disposição dos leitores):

Abel: Obras Completas (1881)
Agnes Clerke: *History of Astronomy During the Nineteenth Century* (1885)
Arago: *Astronomie Populaire* (s.d.)
Baron de Zach: *Correspondence Astronomique* (1825)
Benevides: *Curso Elementar de Physica* (1863)
Comte: *Cours de Philosophie Positive* (1864)
Cruls: *Processo Graphico para Determinação das Horas Aproximadas dos Eclipses do Sol e Occultações* (1894)
Delambre: *Histoire de l'Astronomie Ancienne* (1817)
Flamstéed: *Atlas Céleste* (1795)
Galileu: *Obras Completas* (1890)
Joaquim Gomes de Souza: *Mélanges de Calcul Intégral* (1882)
Kepler: *Obras Completas* (1859)
Lagrange: *Obras Completas* (1867)
Liais: *Traité d'Astronomie* (1867)
Maxwell: *The Scientific Papers* (1894)
Morize: *Esboço de uma Climatologia do Brazil* (1891)
Poincaré: *Les Méthodes Nouvelles de la Mécanique Céleste* (1892)
Wolf: *Handbuch der Astronomie* (1890)
Zoellner: *Wissenschaftliche Abhandlungen* (1878)

Entre os periódicos, encontramos

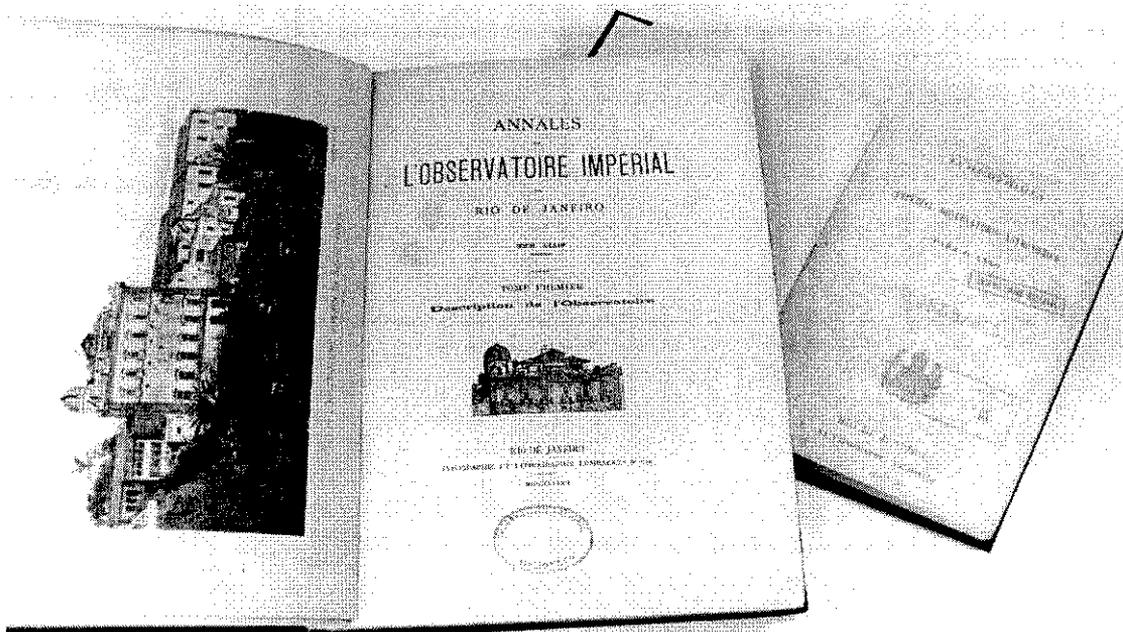
American Journal of Science: 3ª série, vol. 31 (1886) - vol. 50 (1895) e 4ª série, vol. 1 (1896) - vol. 6 (1898)
Revue Générale des Sciences: tomo 19 (1908) - tomo 49 (1938)
Astronomy and Astro-Physics (publicação que antecedeu ao *Astrophysical Journal*): vol. 11(1-10) (1892) - vol. 13 (1,3-10) (1894)

Acima deixamos implícito que, segundo o relatório redigido por Morize em 1927 para comemorar o centenário do ON, a quase totalidade do acervo da Biblioteca, reunido até aquele ano, o fôra por meio de permutas, doações e, ocasionalmente, algumas compras. Contudo, é preciso que se diga que um número significativo dos volumes, que constituem a seção de obras antigas, pertenciam à biblioteca particular de Domingos Costa, astrônomo do ON. Durante alguns anos, que se seguiram à sua morte, acontecida ao final dos anos 1950, esses livros ficaram guardados em sua sala na antiga sede do ON. No início dos anos 70, e por iniciativa de alguns jovens astrônomos, eles foram incorporados definitivamente ao acervo da Biblioteca do ON.

Preservação do Acervo

Para preservação do acervo histórico da Biblioteca do ON, a equipe responsável percebeu que o mais imediato a ser feito, era retirar os livros antigos da sala em que estavam, separá-los dos novos (até 1930) e arrumá-los em local mais adequado. Em princípio, o que poderia ser compreendido como sendo uma simples transferência, foi uma importante medida para o trabalho de conservação da coleção. Posteriormente, procedeu-se a higienização do acervo (aspecto importante para a conservação), o qual encontra-se em bom estado de conservação. Os volumes mais danificados (em número de 60), foram encaminhados para restauração. O critério de seleção desses livros foi, não apenas o estado de conservação do volume, mas também a sua importância para a história do próprio ON. Assim, foram restaurados volumes dos *Annales de l'Observatoire* (tomos 1-4), das *Efemérides do Observatório* (36 vols.), da *Revista do Observatório*

Acervo ON - Reprod. Joelson C. Moreira



Annales de L' Observatoire Imperial de Rio de Janeiro (1882) e Ephémérides do Imperial Observatório Astronômico para o ano de 1853 (1852). Restaurados

(vols. 1, 4 e 6) e o *Atlas da Expedição ao Planalto Central* (todas publicações do século XIX), entre outras obras, como, por exemplo, um belo atlas com a carta geral do Brasil Imperial.

Pouco tempo depois, iniciou-se a organização das fotografias e dos negativos em vidro que constituem o acervo iconográfico. Já foram estabelecidos os primeiros contatos com a FUNARTE para que, logo que possível, registre-se em negativos em acetato as imagens que estão em negativos em vidro.

Conclusão

Acreditamos que a preservação do acervo histórico da Biblioteca do ON é de fundamental importância para essa instituição na medida em que possibilita que a sua história não se perca. Um dos lugares que melhor traduzem a natureza de uma instituição de pesquisa é a sua biblioteca. Isto porque ela é o resultado de gerações e gerações de pesquisadores, que, ao longo dos anos, foram adquirindo livros e periódicos,

Revista da SBHC, n. 15, p. 89-94, 1996

considerados importantes para o prosseguimento de suas pesquisas. Em função disso, a biblioteca do ON é praticamente o único lugar onde os pesquisadores e funcionários podem resgatar, através dos livros e fotografias que ali se encontram, um pouco da sua memória. Reputamos que tal possibilidade, que obviamente não pode ser restringida ao ON, é muito importante pois, em nosso país, fazer ciência significou, praticamente desde sempre, lutar por sua institucionalização e por melhores condições de trabalho. Finalmente, os historiadores da ciência, no Brasil, passam a contar com mais um acervo bibliográfico e iconográfico significativo para as suas pesquisas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARONCINI**, Claudia Nóbrega. *Subsídios para o estudo do Real Colégio das Artes e Ofícios da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro: o caso da Nova Igreja*. Rio de Janeiro: Escola de Belas Artes/UFRJ, 1996. 2 v. Dissertação de Mestrado.
- MORIZE**, Henrique, *Observatório Astronômico - um século de história (1827-1927)*, Rio de Janeiro: Salamandra/MAST, 1987.
- MUNIZ BARRETO**, Luiz, *Observatório Nacional - 160 anos de história*. Rio de Janeiro: ON/CNPq, 1986.

Artigo recebido em agosto de 1996

LAÍS LOPES TAVARES

Museóloga da Coordenação de Informação e Documentação, Observatório Nacional/CNPq
Endereço: Rua General José Cristino, 77, São Cristovão, 20921-400, RIO de Janeiro, Brasil

KATIA T. DOS S. DE OLIVEIRA

Bibliotecária e Chefe da Coordenação de Informação e Documentação, Observatório Nacional/CNPq,
Rua Endereço: R. General José Cristino, 77, São Cristovão, 20921-400, Rio de Janeiro, Brasil

ANTONIO AUGUSTO P. VIDEIRA

Pesquisador Convidado do Departamento de Astrofísica do Observatório Nacional/CNPq e Professor Adjunto do Departamento de Filosofia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro / UERJ
Endereço: Rua General José Cristino, 77, São Cristovão, 20921-400, Rio de Janeiro, Brasil
e-mail: guto@on.br.

Revista da SBHC, n. 15, p. 89-94, 1996